

A FRAGMENTAÇÃO DO CAMPO PENTECOSTAL E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS

Daniel Alves*

Resumo

Atualmente no campo pentecostal apresentam-se concepções que respondem a necessidades de líderes condutores de pequenos e médios empreendimentos religiosos, no que tange à condução de igrejas e à tendência do campo aos cismas. Tais líderes descrevem o momento corrente como "pós-denominacional", estabelecendo um elogio a modelos de gestão eclesial que, em tese, manteriam o foco da formação dos leigos em pequenas comunidades emocionais. Além disso, os defensores do fim do denominacionalismo, no campo das teologias práticas, preconizam o estabelecimento de redes de apoio dentro do meio pentecostal como estratégia de crescimento das igrejas nas cidades. Este trabalho visa examinar as vertentes, os imaginários religiosos e algumas possíveis explicações para a adoção desses modelos. A presente comunicação baseia-se em trabalho de campo junto a ministérios de corte pentecostal no Sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai, entre 2008 e 2011, complementadas com entrevistas junto a seus principais líderes e dados sobre religião dos últimos censos brasileiros.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Organização religiosa. Imaginários religiosos. Censos nacionais brasileiros

Abstract

Currently in Pentecostal field are shown certain conceptions that respond to the needs of leaders of little and medium religious enterprises. Such conceptions are related to the conduction of churches and the tendency of the field to schisms. These leaders describe the moment as "postdenominational", making encomiums to models of ecclesial management that, supposedly, would keep the focus of the organization in laics formation in small emotional communities. Besides that, the defenders of denominationalism's end, in the terrain of practical theology, advise the maintenance of networks from inside of Pentecostal milieu as strategy of church's growth in the cities. This work aims to examine tendencies, religious imageries and some possible explanations to the adoption of these models. The present communication is based in fieldwork within Pentecostal ministries in Southern Brazil, in Argentina and Uruguay since 2008 to 2011, supplemented by interviews with their main leaders and data on religion of last Brazilian Censuses.

Keywords: Pentecostalism. Religious organizations. Religious imageries. Brazilian National Censuses.

* Daniel Alves, doutor em Antropologia Social, docente do Departamento de História e Ciências Sociais do Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás. E-mail: <danalves1978@yahoo.com.br>. Os dados censitários foram coletados no âmbito do projeto "Transformações do Campo Religioso em Catalão-GO", enquanto que os dados qualitativos foram coletados em pesquisa de campo desenvolvida entre 2008 e 2011, durante o período de doutoramento, com o financiamento, via bolsa e edital de financiamento, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e sob orientação do Prof. Dr. Ari Pedro Oro (PPGAS/UFRGS). A tese de doutorado resultante pode ser consultada em ALVES, Daniel. **Conectados pelo Espírito:** redes transnacionais de pastores pentecostais ao Sul da América Latina. Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29406>>, acesso em 20 ago. 2012.

Introdução

Foram muitas as previsões confirmadas acerca dos resultados do censo 2010, recentemente divulgados.¹ Confirmou-se, na amostra censitária, o declínio do número de católicos (de 73,57% para 64,63%, em dez anos) e o aumento dos que se identificam como evangélicos (de 15,41% para 22,16%, no mesmo período). Contudo, algumas nuances desses números precisam ser esmiuçadas, e os analistas do tema “religião” neste momento dedicam-se a isso. Tenho interesse específico no campo evangélico pentecostal; sendo assim, gostaria de tecer algumas considerações sobre o que andamos chamando de “pentecostalismo das pequenas e médias igrejas”. Quando defendi tese sobre este objeto empírico, alertaram-me de sua irrelevância numérica: “cerca de 80% do campo pentecostal está concentrado nas grandes instituições religiosas”. Creio que é o momento de rever essa posição, tendo como base um comparativo dos dois censos.

Usando sempre frequências relativas, comparando as percentagens dos censos 2000 e 2010 em nível nacional, verificamos que o crescimento dos pentecostais nas grandes denominações deve-se às Assembleias de Deus (de 4,96 para 6,46% da amostra censitária nacional) e à Igreja do Evangelho Quadrangular (de 0,78 para 0,95%). Dentre as que foram discriminadas nominalmente nos dois censos, foram as que mantiveram crescimento relativo. As restantes ou mais ou menos se mantiveram, ou mesmo declinaram. Dentre as que minguaram, destaca-se a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), mas outras (Congregação Cristã, Deus é Amor, Casa da Bênção, Brasil para Cristo) estagnaram ou mesmo diminuíram, em termos percentuais.

Infelizmente, não podemos, pelo comparativo dos censos, averiguar o propalado crescimento da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), ou o comparativo de dados sobre a Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD). Contudo, podemos inferir que os fiéis destas igrejas possam ser encontrados, na forma de números, na faixa dos “Outros”, uma categoria constante nas pesquisas quantitativas e a que mais se presta a divagações hermenêuticas. Sejam quais forem as divagações que se seguirem aqui, deve-se ter presente o seguinte: se

¹ Os dados referidos nesta parte constam em INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Banco de Dados SIDRA. 2012. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 18 jul. 2012.

tomarmos as categorias de “outras evangélicas de vínculo pentecostal” e “outras religiões evangélicas” em 2000, teremos uma porcentagem de 1,42%. Se, numa soma semelhante, juntarmos as categorias do censo 2010 “Evangélicas de origem pentecostal - Outras” e “Evangélicas - Outras religiões evangélicas”, a porcentagem da população nacional vinculada a essa franja imprecisa do segmento evangélico subiu para 7,59%. Trata-se de um crescimento muito mais expressivo que o de qualquer igreja pentecostal singular analisada pelo censo, respondendo por boa parte do aumento do número de evangélicos no período. Em termos absolutos, verifica-se um crescimento de 2,5 milhões em 2000 para quase 15 milhões de pessoas em 2010, comparando essas categorias somadas. Conhecendo o campo e os números, sabemos que esse *boom das “outras evangélicas”* deve-se ao segmento pentecostal, e que ele não pode ser simplesmente creditado à IMPD ou à IIGD.

Com esse artigo, pretendo aclarar, com dados de campo, algo sobre esse crescimento. Postulo que grande parte do crescimento evangélico deve-se ao surgimento de igrejas de pequeno e médio porte, de não mais de 20.000 membros, que se declaram independentes de denominação ou organização central que as una. Em termos weberianos, poderíamos chamar de “pequenos e médios empreendimentos religiosos”, na medida em que os condutores dessas igrejas ou comunidades tem autonomia administrativa, financeira e doutrinária. Não menos importante que isso, esses empreendedores e empreendedoras tem também autonomia para gerir suas próprias redes de alianças e desavenças no campo pentecostal mais amplo.

Evolução das organizações religiosas pentecostais

Se consultarmos as narrativas oficiais sobre a origem do pentecostalismo moderno, veremos que desde o início há pelo menos duas tendências em suas formas de organização. Uma delas se espelhava nas organizações religiosas tradicionais no meio protestante, com o estabelecimento de redes institucionais, ou no linguajar do campo, “denominações”. Até hoje, quando se escreve em “história do pentecostalismo”, inevitavelmente falaremos, em nível internacional, das Assembleias de Deus, da Igreja do Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã, etc. A outra tinha como base organizações independentes, de pequena escala, em torno de poucas lideranças carismáticas, que dirigiam comunidades com menos

níveis de estrutura e/ou hierarquia, ou mesmo missionários independentes que implementaram, no Sul, comunidades totalmente novas. Ambas essas formas de organização, denominações e independentes, exerceram papel fundamental na fase do “pentecostalismo missionário”, que estabeleceu comunidades desde o Hemisfério Norte para o Sul durante as primeiras décadas do Século XX.

Durante a fase que se convencionou chamar, na literatura especializada no Brasil, de “segunda onda”² ou “deuteropentecostalismo”,³ ocorreu uma mudança de atitude frente à sociedade mais ampla, que levou os pentecostais a saírem do campo de atuação tradicional, estritamente religiosa e apolítica, e assumirem um posicionamento de “converter o Brasil para Cristo”. Foi o tempo das grandes cruzadas evangelísticas, não só no Brasil mas também em outros países da América Latina, entre os anos 1950 e 1970. A lógica de organização das cruzadas, atravessando a fragmentação do campo pentecostal em torno de um líder carismático vindo “de fora”, continua atualmente sendo parte do procedimento de costura desses grandes eventos. Essa nova dinâmica instaurada pelas grandes cruzadas alimentou bases de fiéis necessárias para a instauração de denominações nacionais brasileiras, como, por exemplo, “O Brasil para Cristo”, “Casa da Bênção” e a “Igreja Pentecostal Deus é Amor”.

De meados de 1970 em diante, de uma igreja específica do meio pentecostal (a “Igreja de Nova Vida”, no Rio de Janeiro⁴), partiram os líderes-chave que dinamizaram a chamada “terceira onda” pentecostal no Brasil. Tais líderes construíram igrejas administrativa e financeiramente centralizadas e hierárquicas, baseadas no uso intensivo das mídias (TV, rádio, jornal) e organizadas segundo princípios da chamada “teologia da prosperidade”. Em relação às suas memórias, tais igrejas mostravam-se mais flexíveis em questões morais e de conduta que suas antecessoras, mas se revelavam, como ainda se revelam, firmes quanto à necessidade do dízimo e das ofertas como sinais de sacrifício pessoal em face de Deus. A “terceira onda”, que encontrou sua maior expressão na “Igreja Universal do Reino de Deus” (IURD), foi responsável pelo crescimento pentecostal dos últimos

² FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Ed.). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67-159.

³ MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

⁴ Ver MARIANO, 2005, p. 51ss.

trinta anos. Mesmo igrejas já consolidadas das primeira e segunda ondas, de uma forma ou outra, viram-se forçadas a adaptar o modelo organizacional e/ou a “teologia da prosperidade” para não sucumbirem numa situação em que os evangélicos aumentaram de número na mesma proporção em que o campo pentecostal se fragmentava.

A “tendência à fragmentação”, “ao cisma”, ou, mencionando metáforas econômicas, o “aumento na oferta de bens de salvação” intensificou-se nestes últimos trinta anos no campo pentecostal. De tal forma que, em alguns bairros suburbanos das cidades brasileiras, pode-se chegar à conta, por vezes, de mais de uma dezena de organizações religiosas pentecostais presentes, entre igrejas de todas as “ondas”, das mais antigas às mais novas. E ainda haverá aquelas igrejas novas das quais que ninguém terá ouvido falar para além do bairro, da cidade, ou, nos casos mais bem sucedidos, para além da região. Estruturam-se em torno de líderes carismáticos, formados em sua origem em denominações consolidadas ou comunidades carismáticas e que, agora, constroem sua própria organização. São igrejas de dimensão variável: algumas congregam em um só templo; outras já formaram redes institucionais que se espalham, no máximo, regionalmente. Apesar de, por vezes, não oferecerem uma infraestrutura como as grandes, comumente encontraremos um operador de câmera digital, registrando cultos considerados de importância, por vezes distribuindo as imagens através de DVDs que são copiados livremente entre os fiéis ou carregados nalgum servidor gratuito na Rede Mundial de Computadores. O registro das imagens provavelmente focará as partes em que o Espírito Santo manifestar-se-ia no culto por meio de orações de poder, causando irrompimentos emocionais coletivos, quedas ao solo e, ocasionalmente, danças e exorcismos.

Os líderes dessas pequenas e médias igrejas formularam, quando os entrevistamos nas cidades de Porto Alegre, Buenos Aires e Montevideu, alguns fundamentos para a existência de seus empreendimentos religiosos. Reconhecem-se como partes de um todo, ainda que não haja uma estrutura central (terrena) que coordene todos os ministérios. Daí que se dão liberdade para articularem-se entre si, em redes de aliança que passam, em seus elos mais fortes, pelo chamado

parentesco espiritual.⁵ A seguir, verificaremos alguns fundamentos religiosos dessas alianças.

Fundamentos da redefinição do campo

Inovações teológicas insuflam e/ou respondem a conflitos por vezes até mais intensos que as promovidas pelas inovações tecnológicas. Por isso, já que acredito me encontrar num diálogo com teólogos, gostaria de esclarecer que segmentos do campo pentecostal advogam algumas das ideias que vão adiante como “teologias”. Falo em “segmentos”, porque algumas destas ideias não tem aceitação, especialmente, nas frações mais antigas do pentecostalismo, que se recusam mesmo a conferir o *status* de “teólogo” aos seus propagadores. Contudo, essas ideias estão contempladas aqui porque refletem, ou mesmo talvez originaram, um *modus operandi* no campo, sendo próximas ao terreno das teologias práticas. Nas falas e nos púlpitos, tais concepções perdem a sistematicidade da escrita e passam a se difundir entre líderes e fiéis, constituindo o que chamamos, na Antropologia, de *imaginário*. Aqui, só me aterei a algumas dessas concepções: a de *Igreja* (com maiúscula), *parentesco espiritual* e *visão*.

Quando se fala em Igreja, está-se referindo à conhecida passagem bíblica segundo a qual o conjunto dos fiéis verdadeiramente convertidos compõe o Corpo de Cristo. Na interpretação corrente nos meios nos quais estudamos, combina-se tal crença com o entendimento da insuficiência das grandes estruturas religiosas em converter pessoa-a-pessoa, e da tendência de algumas delas a excessos que descambam em escândalos políticos, financeiros ou, pior, de dissolução moral e/ou familiar. Desta forma, a Igreja não poderia ser confundida com uma denominação religiosa específica, ou um conjunto de denominações.

Tal perspectiva, por alguns reconhecida como “pós-denominacional”, é assunto corrente entre os líderes que entrevistamos em três cidades (Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre). Tais líderes dirigiam igrejas independentes, ministérios de música ou de evangelismo. O alcance desses empreendimentos era variável. Dentre os pastores, conversamos com pastores de pequenas igrejas de bairro até megaigrejas com até 15.000 membros. Entrevistamos também evangelistas e um

⁵ Para os princípios bíblicos e a operacionalização dessa lógica numa escola bíblica em Gana, ver REINHARDT, B. **Capturando a unção**: mimese, pedagogia e conectividade global em uma escola bíblica ganense. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28, São Paulo, 2012.

músico *gospel*, todos com atuação em vários países e mantenedores de uma maior disponibilidade para viagens que os pastores. O que todos tinham em comum? Arvorados na ideia de Igreja como unidade difusa de organizações, todos procuravam manter contatos com outras lideranças na região, estabelecendo alianças e se posicionando dentro de um campo transnacional de visibilidade dentro do meio evangélico pentecostal. Os eventos religiosos, como cruzadas e congressos de avivamento, são chaves para a constituição e reafirmação dessas alianças com vistas ao aumento do prestígio pessoal da igreja organizadora dentro do campo religioso local.

Os elos mais consistentes dessas redes envolvem autoridade de formação de um líder sobre outro, construindo relações projetadas metaforicamente como linhagens de “nascidos no Espírito”. Estabelecem-se linhas de transmissão através das quais, metonimicamente, a unção do Espírito Santo passa de um líder a outro, por vezes regredindo até os tempos do pastor Seymour em Azusa Street, nos primórdios do pentecostalismo moderno. Aliás, essa é uma forma de historicidade comum aos livros de história do movimento pentecostal, quando sistematizadas por historiadores comprometidos com ele.⁶ A reivindicação de uma “ascendência” no Espírito, consolidada entre dois agentes religiosos através de ocasiões como uma oração, uma cura, um sonho ou uma profecia, configura-se como fonte de reconhecimento no campo.

Relações como estas representam um elemento novo na organização interna do campo. Ao mesmo tempo em que as instituições religiosas se mantêm, as igrejas independentes vão sendo enfeixadas por personalidades carismáticas, que ocupam, por seu peso como influência reconhecida, o papel de *nós* principais de redes de aliança. Essas redes passam por organizações como os conselhos de pastores das cidades, que, pelo menos no Brasil, apresentam alguma relevância na articulação de projetos eleitorais de políticos evangélicos, com a participação de líderes de denominações (como AD, batistas renovados, Igreja do Evangelho Quadrangular) e de igrejas independentes. Essa forma de autoridade espiritual no meio pentecostal, concentrada menos em denominações que em sujeitos carismáticos, condutores ou não de *megaigrejas*, está sendo chamada por alguns de seus defensores de “Nova Reforma Apostólica” (NRA), sendo que o mais ativo

⁶ Cf. SYNAN, V., Ed. **El siglo del Espíritu Santo**: cien años de renuevo pentecostal y carismático. Buenos Aires: Peniel, 2005.

destes divulgadores é Peter Wagner.⁷ Através de tais articulações locais promovidas desde líderes respeitados, articular-se-iam as bases para a formação da “Igreja da cidade” (referência clara às comunidades primitivas do Novo Testamento), que deveria ser a base para projetos de conversão massivos locais.

Como estamos lidando com uma franja reticular do meio pentecostal movimentando-se em nível microssociológico, falta-nos estudos mais acurados para o estudo da efetividade dessas alianças e seus espaços sociais de constituição. Mas já sabemos que em Porto Alegre, o Conselho de Pastores atua na promoção de eventos como a Marcha para Jesus, para campanhas evangelísticas como a de Benny Hinn em 2009, e ainda faz articulação política buscando apoio para certos candidatos evangélicos. Em Buenos Aires e Montevideú percebemos atuação semelhante dos conselhos, embora a interferência na política formal seja ainda um projeto.

Inovações organizacionais: modelo celular

Cada inovação teológica que surge é compilada ou rejeitada pelos agentes religiosos na medida de suas formações e possibilidades. O amálgama idiossincrático composto por um agente religioso individual, envolvendo seu nicho de atuação, ministério de especialização, os sermões que prega, o método que desenvolve para evangelizar, estilo de culto, a sua perspectiva do que é a Igreja, e até mesmo o humor que exercita no altar, define um *estilo* pessoal que se tornará a identidade não só do líder, mas da igreja ou comunidade. Parte importante da formação de um pastor, evangelista ou músico pentecostal independente é dedicada à definição desse estilo. Por vezes, um ou mais elementos de um estilo são amarrados para transmissão a outros fiéis ou líderes, no que se tem consolidada uma *visão*. Pode-se entrar e sair da *visão* de igreja ou do líder. “Manter-se na visão” significa concordar com a linha hegemônica do grupo. Por outro lado, quando se diz que uma pessoa “sai da visão”, é uma maneira de dizer que ela não concorda em algum aspecto das lideranças principais. É uma forma, também, de assinalar um cisma na igreja.

⁷ Para as consequências da adoção da NRA na Argentina, ver WYNARCZYK, H. **Ciudadanos de dos mundos**: el movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires: UNSAM Edita, 2009. p. 152ss.

Uma *visão* que vem sendo reinterpretada extensivamente, e que aliás não tem origem norte-americana como outras teologias práticas pentecostais já mencionadas, é a *visão celular* ou *G12*. Trata-se de um modelo de organização e crescimento que vem sendo adaptado em várias dessas igrejas independentes. Vale a pena registrar uma pequena história de seu percurso. Uma das congregações mais admiradas entre os líderes que entrevistei, a *Yoido Full Gospel Church*, é conduzida por David Yonggi Cho na Coreia do Sul. Num de seus livros de divulgação,⁸ o líder assegura que o crescimento de sua igreja se deu por meio de “células” domésticas, cujo ponto nodal é um líder que agrega em torno de si um número variável de famílias. Essas células reúnem-se semanalmente, cada semana em uma casa, buscando não somente uma partilha de vivência cristã, mas também planejando estratégias para a entrada de novas famílias na célula. Há a possibilidade, ainda, de que os componentes das células mantenham, em momentos de precariedade social, redes de apoio mútuo.

Um pastor colombiano chamado Cesar Castellanos adotou na *Misión Cristiana Internacional* (MCI), com sede em Bogotá, o modelo de Yonggi Cho, com algumas “adaptações culturais”. Limitou-se o número de integrantes das células ao máximo de doze, com reuniões concentradas especialmente na formação e no crescimento da igreja. Para além das reuniões semanais, há ainda as “celebrações” nos templos centrais da MCI, complementaridade que pode ser encontrada também na organização original sul-coreana. Além desses eventos rotineiros, há na *Misión Cristiana Internacional* um “encontro” de três dias e escolas de líderes para a condução de células, na forma de *Encontros* ou *Congressos G12* que podem ir desde o nível regional até o internacional.

O modelo chamado *Governo dos 12*, ou simplesmente *G12*, espalhou-se a partir da década de 90, de duas formas. Uma delas deriva da expansão da MCI para os países da América Latina, ou implantando novas igrejas (como em Montevidéu), ou fazendo alianças fortes com congregações consolidadas (como em Buenos Aires). No Brasil, o *G12* foi incorporado pelo pastor Renê Terra Nova, numa igreja em Manaus, em conjunto com pelo menos mais dez igrejas espalhadas no Brasil.

⁸ YONGGI CHO, D. *Historias del crecimiento de mi iglesia*. Miami: Unilit, 2009. p. 74ss.

Houve uma ruptura com a central colombiana em 2005,⁹ e o agora apóstolo Terra Nova divulga um modelo *M12* brasileiro, enquanto que outras igrejas brasileiras mantêm sua parceria com a MCI. A vantagem do vínculo colombiano, ao que podemos perceber nas igrejas de Buenos Aires que mantêm esse vínculo, traduz-se no uso da marca *G12* e na presença do casal Cesar e Alejandra Castellanos nos principais encontros, além de suporte no material para a formação nas células (livros, DVDs, etc).

Cesar Castellanos compara¹⁰ a internacionalização do *G12* com um sistema de franquias norte-americano, no qual as filiais devem seguir a proposta como um todo. Essa assertiva no livro de Castellanos pode levar a algumas induções sobre uma provável dependência colombiana, inclusive no que tange ao investimento financeiro necessário para *implantar a visão G12*. Como que confirmando tais induções, observamos que existe outra forma de difusão do modelo celular em andamento. Esta segunda forma de difusão parte de leituras idiossincráticas do método preconizado pelo pastor colombiano, com as adaptações julgadas necessárias e sem a dependência institucional da MCI. Ao que podemos perceber, existem muito mais igrejas em células independentes do que ligadas à MCI, principalmente na faixa dos 2.000 a 15.000 membros. Sabemos que *Encontros de Fé* (pr. Isaías Figueiró), de Porto Alegre, e *Rey de Reyes*, de Buenos Aires,¹¹ adotaram o modelo celular com adaptações julgadas importantes pelos seus condutores. Pode inclusive, por problemas com a liderança das células, haver reversões do modelo celular para o tradicional, como parece ter havido na *Misión Vida para Las Naciones* de Montevidéu.

O vigor do modelo celular na organização das igrejas independentes deveria ser visto com maior acuidade, para avaliações mais precisas. Não poderíamos dizer com segurança que o aumento substancial dos “outros pentecostais” e “outros evangélicos” no censo 2010 é totalmente dependente das implementações difusas desse modelo. Contudo, se implementados, os modelos celulares instauram uma dinâmica interna que leva o neófito “das casas para o templo”, catalisando as redes

⁹ Um rompimento documentado, disponível no site de Adílio Gomes em <<http://visao12.blogspot.com.br/2010/08/rompimento-entre-terra-nova-e.html>>, acesso em 18 jul. 2012.

¹⁰ CASTELLANOS, C. **Consolidar a través del G12**. Bogotá: Ediciones G12, 2006. p. 147.

¹¹ Igreja conduzida pelo pastor Claudio Freidzon. Para a adaptação do modelo celular nesta igreja ver ALGRANTI, J. **Política y religión en los márgenes**: nuevas formas de participación social de las mega-iglesias evangélicas en la Argentina. Buenos Aires: CICCUS, 2010. p. 105ss.

de vizinhança local em benefício da organização religiosa. Dever-se-ia, também, atentar para características que levam à atração e à repulsão de fiéis no modelo, mas dadas as adaptações realizadas por toda a parte, seria realmente um desafio avaliar isso.

Conclusão

Apresentamos aqui alguns dados censitários em perspectiva, ressaltando a pertinência de alguns dados de campo que possam elucidar algo sobre o aumento de um nicho evangélico indiferenciado nos dados censos nacionais, e que cresceu de 9,25% do referido segmento em 2000 para 34,26% em 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2012). Supondo que esse crescimento seja, predominantemente, pentecostal (hipótese 01), sustento que ele tem relação com o crescimento fragmentado do campo (hipótese 02), que alimenta o surgimento de igrejas de espectro no máximo regional desenvolvedoras de métodos novos de aliança dentro do campo, e de métodos de crescimento que visam acompanhar mais de perto os novos crentes.

Então estariam as grandes organizações religiosas pentecostais passando por uma crise? Apesar da insistência de alguns semanários e entrevistados nossos em uma resposta contundente afirmativa, o que se revela até o momento não é uma perda de relevância dessas organizações. Contudo, elas podem estar cumprindo o papel de doadoras de líderes que, depois de um tempo na instituição, afastam-se para desenvolverem suas próprias igrejas, de pequeno e médio porte. Não é raro que esses líderes independentes tenham se formado como batistas ou assembleianos (aliás, essas identidades são reivindicadas pelos sujeitos mesmo quando inauguram suas novas igrejas). Em alguns casos, esses líderes fazem parte dessas grandes estruturas, quando elas possibilitam o livre trânsito dos líderes no campo e a autonomia do(a) líder principal em relação à organização de sua igreja.

No mais, embora esteja seguro quanto à aceitabilidade da hipótese 01, desconfio da suficiência parcial da hipótese 02, no que tange às características elencadas acima. E isso se deve à insuficiência de dados empíricos condensados sobre pequenas e médias igrejas pentecostais, isso sem mencionar organizações transversais direcionadas aos jovens, aos empresários, etc. Ainda há muito que conhecer nesses terrenos ainda pouco explorados do pentecostalismo brasileiro.

Referências

- ALVES, Daniel. **Conectados pelo Espírito**: redes transnacionais de pastores pentecostais ao Sul da América Latina. Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/29406>>, acesso em 20/08/2012.
- ALGRANTI, J. **Política y religión en los márgenes**: nuevas formas de participación social de las mega-iglesias evangélicas en la Argentina. Buenos Aires: CICCUS, 2010.
- CASTELLANOS, C. **Consolidar a través del G12**. Bogotá: Ediciones G12, 2006.
- FRESTON, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. (Ed.). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 67-159.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Banco de Dados SIDRA. 2012. Disponível em: < <http://www.sidra.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 18/07/2012.
- MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.
- REINHARDT, B. **Capturando a unção**: mimese, pedagogia e conectividade global em uma escola bíblica ganense. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 28., São Paulo, 2012.
- SYNAN, V., Ed. **El siglo del Espíritu Santo**: cien años de renuevo pentecostal y carismático. Buenos Aires: Peniel, 2005.
- WYNARCZYK, H. **Ciudadanos de dos mundos**: el movimiento evangélico en la vida pública argentina 1980-2001. Buenos Aires: UNSAM Edita, 2009.
- YONGGI CHO, D. **Historias del crecimiento de mi iglesia**. Miami: Unilit, 2009.